

ROTEIRO PRA AÏNOUZ, VOL. 2 E A FILOSOFIA: PERSPECTIVAS PARA UM NOVO MUNDO

José Alcides Hora Neto⁴¹

Marcos Roberto Santos Pereira⁴²

Yaron Amaral Freitas Magalhães⁴³

Resumo: O presente trabalho pretende explorar as possibilidades de interação entre o rap e a filosofia a partir de uma discussão acerca da obra de Don L. Tendo em vista que a presente discussão se origina a partir dos diálogos estabelecidos numa outra ocasião, a saber, a IV Semana de Filosofia Livre, retomaremos alguns pontos abordados em trabalhos prévios para estabelecer as bases para um debate mais aprofundado que versará, sobretudo, sobre as relações entre Don L, o rap, o marxismo e o Nordeste.

Palavras-chave: Don L; Rap; Filosofia; Marxismo; Nordeste.

Resumen: Este trabajo pretende explorar las posibilidades de interacción entre el rap y la filosofía, a partir de una discusión sobre la obra de Don L. Dado que esta discusión parte de diálogos establecidos en otra ocasión, concretamente en la *IV Semana de Filosofia Livre (SEFILL-UFS-Brasil)*, retomaremos algunos puntos tratados en trabajos anteriores para sentar las bases de un debate más profundo que se centrará sobre todo en la relación entre Don L, el rap, el marxismo y el Nordeste de Brasil.

Palabras-clave: Don L; Rap; Filosofía; Marxismo; Nordeste Brasileño.

1 – Apresentação.

YARON:

Este trabalho teve sua origem na *IV Semana de Filosofia Livre (SEFILL)*, realizada pelo Centro Acadêmico de Filosofia Livre (CAFILL), evento no qual Alcides e Marcos

⁴¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS); E-mail: josealcidesufs@gmail.com.

⁴² Doutorando pelo Programa de Pós-graduação de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS); E-mail: marcosrsp.philosophia@gmail.com.

⁴³ Graduando em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe (UFS); e-mail: yaron@academico.ufs.br.

apresentaram seus trabalhos sobre Don L e eu apresentei um trabalho sobre uma música do Sant⁴⁴. A partir daí, tivemos a ideia de realizar um evento sobre filosofia e rap, assim como aprofundar um pouco mais a análise sobre a obra de Don L. Assim, essa mesa foi preparada a partir do convite feito pelo Prof. Dr. William de Siqueira Piauí para que apresentássemos esse trabalho no evento *Perspectivas do fim do mundo II*. Ademais, ficamos muito contentes com a oportunidade de poder contar com a presença do Manosinho, uma grande figura do cenário do rap sergipano, para enriquecer o debate.⁴⁵

ALCIDES:

Boa tarde, amigos. É com muita alegria que participo desta mesa ao lado dos meus amigos Yaron, Marcos e Manosinho; alegria essa que é particularmente especial por remeter a um dos momentos mais marcantes da minha graduação em filosofia na UFS. Como Yaron explicou, esta mesa possui uma história que não é de agora, pois ela é consequência da SEFILL que ocorreu em fevereiro deste ano⁴⁶. Na ocasião, eu e Marcos compartilhamos uma mesa que, por coincidência, acabou tendo objeto semelhante a este que retomamos hoje: a obra de Don L.

Naquela época, eu havia decidido empreender uma análise de um álbum que havia marcado o meu ano: o *Roteiro pra Aïnouz, Vol II*. A minha proposta foi investigar a influência do marxismo na obra deste rapper que havia ganho tanta projeção dentro do movimento comunista brasileiro⁴⁷. O álbum em questão, que ainda vamos destrinchar ao longo dessa mesa, traz explícitas referências ao marxismo, mas nem por isso configura uma obra meramente panfletária: a sua potência consiste justamente em conciliar o viés artístico com o viés político, motivo pelo qual emociona tanto.

Pois bem, o meu texto, apesar de possuir um certo teor ensaístico, se assemelhava mais ao gênero de texto *comentário*. Ali, analisei passagens de autores marxistas, contextualizando com a obra do nosso rapper e tentando evidenciar de que forma Don L foi progressivamente

⁴⁴ A apresentação de Yaron foi registrada em vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KthhVkjwvs>. Acessado em: 08/05/2024.

⁴⁵ Infelizmente, não conseguimos registrar por escrito as contribuições de Manosinho, uma vez que a sua fala foi espontânea. Contudo, podemos informar que o convidado falou sobretudo a respeito da sua felicidade em assistir o rap ser tratado enquanto um objeto de reflexão na universidade. Nesse sentido, insistiu na necessidade de se pensar formas de construir pontes entre a universidade e a periferia, cenário no qual o rap se apresenta como uma ferramenta privilegiada para a propagação do conhecimento.

⁴⁶ O ano em questão é 2023.

⁴⁷ Para mais informações, consultar *A influência marxista na obra de Don L: uma análise de Roteiro pra Aïnouz, Vol. II*, no prelo.

influenciado pelos ideais comunistas. Por outro lado, o texto de Marcos explorava muito mais o gênero *ensaio*. É particularmente interessante apontar que Marcos apresentou um texto na semana de filosofia livre que, em momento algum, citava diretamente o trabalho de filósofos. Apesar disso, era evidente que o texto do nosso colega tinha sim um caráter filosófico.

Hoje, eu gostaria de falar um pouco sobre isso. O ponto é que o texto de Marcos, *O Cosmopolitismo às avessas do Don L*⁴⁸, empreende um trabalho de criação conceitual que, em grande medida, é a ocupação do filósofo. Explico: estou fundamentando a minha fala sobretudo no primeiro capítulo da obra *O que é Filosofia?* (2020) de Deleuze e Guattari. Em suma, para eles, a tarefa do filósofo é *criar* conceitos para resolver problemas que ele considera mal-vistos ou mal colocados.⁴⁹ Nesse sentido, o conceito engloba uma diversidade de componentes, os quais acabam por o definir. O contorno do conceito, então, se adequa à cifra dos seus componentes (DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 28-9). Prometo que não vou entediá-los com citações e mais citações, mas esta vale à pena para ilustrar o cerne do conceito enquanto realidade filosófica:

Não cessando de percorrê-los, o conceito está em estado de sobrevôo com relação a seus componentes. Ele é imediatamente copresente sem nenhuma distância de todos os seus componentes ou variações, passa e repassa por eles: é um ritornelo, um *opus* com sua cifra. (DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 29)

Pois bem, cabe agora colocar duas perguntas: quais são os componentes do conceito de *cosmopolitismo às avessas* e qual é o problema que ele se propõe a explicar? A partir do texto de Marcos, podemos constatar que são componentes deste conceito “um senso cosmopolita bastante singular”, um “desconforto universal” que expressa também um “paradoxo”: é um desconforto que proporciona conforto seja lá em qual lugar Don L esteja, já que está igualmente adaptado a todos eles. Ademais, são outros componentes do conceito de *cosmopolitismo às avessas*, uma “contradição inerente ao ser de Don L” e um estado de não palatabilidade de tudo” que supera as barreiras meramente geográficas de um rapper nordestino que tenta a sorte no sudeste e compõe também a subjetividade do próprio artista.

Nesse sentido, o conceito de *cosmopolitismo às avessas* condensa todos esses elementos e destaca o acontecimento em questão. Mas talvez ainda não esteja claro qual o problema que ele permite resolver. Vejamos: e se esse *cosmopolitismo às avessas* não apenas ilustrasse a

⁴⁸ PEREIRA, Marcos R. S. “O cosmopolitismo às avessas do Don L”. Disponível em: [O Cosmopolitismo às avessas do Don L - Artigo - Oganpazan](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁴⁹ Para maiores informações, consultar a Introdução e o capítulo “O que é um conceito?” de *O que é a filosofia?* (2020).

subjetividade de um rapper nordestino em São Paulo, mas também permitisse explicar de que forma a música nordestina acaba por ocupar um lugar subalterno no cenário nacional? Bom, talvez seja melhor deixar o nosso colega filósofo explicar a sua própria criação. Mas suspeito que talvez esse conceito ajude a explicar por que Don L fala que “se eu não for o seu rapper favorito, eu com certeza sou o favorito do seu favorito, primo!” (DON L, 2014)⁵⁰

MARCOS:

De fato explica. O conceito de cosmopolitismo às avessas, como bem denotou Alcides, se refere à subjetividade do rapper quanto a seu sentimento perante o mundo, o que influi no seu trato com o mesmo e, conseqüentemente, nas suas produções musicais. Contudo, para entendermos melhor esse conceito, é preciso nos voltarmos para a vida do Don L.

Gabriel Linhares da Rocha, vulgo Don L, apesar de ser largamente aceito como nordestino, nasceu em Brasília. Aos 2 anos de idade, contudo, ele deixa a capital do país e se muda para Fortaleza⁵¹, terra natal de seus pais. Por volta dos 20 anos ele inicia sua trajetória mais próxima ao hip-hop ao ingressar na ONG Movimento Cultura de Rua do Ceará, chefiada pelo Preto Zezé, que viria a ser presidente da CUFA.

Já nessa primeira fase de sua carreira, digamos assim, é possível perceber reflexos do seu sentimento cosmopolita avesso. Em entrevistas, Don L deixa claro que neste momento sua ligação com o rap se dava majoritariamente através da produção dos beats. Apesar de já ter letras escritas, ele se recusava a ocupar o papel de MC, pois considerava que suas letras tinham um aspecto muito “gangsta”⁵², ao contrário do aspecto político que permeia o rap nordestino ao menos desde as produções do grupo Clã Nordestino.

É dessa época a união de dois grupos de rap de Fortaleza, o Plano B e o B.R.S. (Brigada Sonora de Rua). Integrante do Plano B, Don L foi responsável pela produção do álbum conjunto dos grupos, que contou com coprodução do Nego Gallo. Até então, os dois grupos ainda se identificavam como diferentes, mas a partir daí essa diferença se diluiu e o grupo Costa a Costa foi formado, tendo como MC’s tanto Don L como Nego Gallo. E é com essa configuração que, em 2006, o grupo é premiado com o prêmio Hutuz na categoria de grupo norte-nordeste.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fXs80Y2LZh4>. Acessado em: 08/05/2024.

⁵¹ PEREIRA, Marcos R. S. “O cosmopolitismo às avessas do Don L”. Disponível em: [O Cosmopolitismo às avessas do Don L - Artigo - Oganpazan](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁵² PODPAH. [Locução de]: Igã e Mítico. Entrevistada: Don L. [S.l.]: Podpah, 29 jul. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U4cY8K48SOU&t=4152s>. Acesso em: 21 abr. 2024.

Apesar da relevância desse prêmio, é com ele que o cosmopolitismo às avessas se manifesta em maior grau. A categoria de grupo norte-nordeste não existia para complementar a respectiva categoria sul-sudeste, ou coisa semelhante, mas para complementar a categoria de grupo/artista solo apenas. O que se subentende é que apenas os grupos e artistas solo do sul, sudeste e centro-oeste podem ser enquadrados numa categoria abrangente, reduzindo o nacional a essas regiões. Com isso, algumas coisas podem ser concluídas. O Costa a Costa não tinha chances de competir na categoria nacional por ser do Nordeste, então o grupo não é nacional e a música que fazem não é rap nacional, não é rap simplesmente, mas rap nordestino.

Don L percebe essas conclusões e demonstra isso em dois momentos. Primeiro, na própria premiação, em que afirma que aquela categoria é uma segunda divisão e que quer o prêmio principal⁵³. Segundo, na música “Fazia Sentido”: “Eu lembro do Caetano me entregar um prêmio... de melhor do nordeste, o que diz sobre isso? Porque não tinha uma categoria pro sul, então era tipo... esmola pra segunda divisão, tru [...]” (DON L, 2017)⁵⁴. Com isso, Don L assume que reconhece a forma como sua música é vista e reassume a mesma posição, também em “Fazia Sentido”: “mas eu nunca comi partido [...] deixa eu fazer o meu exercício” (DON L, 2017)⁵⁵.

Para além desses momentos, podemos citar ainda o exemplo do feat de Don L na música “Linhas de Frente”, do Rashid: “Eu tô cansado desses traps, baby, cansado desses boombaps falando desse traps, tipo esse. Tô cansado desse rapper Don L [...]” (RASHID, 2022)⁵⁶. Aqui entende-se a crítica à própria música na qual Don L participa, e subentende-se a crítica à própria persona que o Don L criou em torno de si mesmo, o que nos conduz diretamente à “Não escute meus raps”: “Não faça o que eu digo, nem faça o que eu faço. Se você vir comigo vai achar tudo um saco, eu não gosto de nada. Esse guru é falso, esse rolê, ruim, fraco [...]”. (DON L, 2019)⁵⁷.

⁵³ A gravação de voz da premiação, com Caetano entregando o prêmio e o discurso de Don L consta na mixtape “Dinheiro, sexo, drogas e violência de Costa a Costa” que o grupo viria a lançar um ano depois, na música “Enquanto *num vim*”

⁵⁴ Disponível em: [02. Don L - Fazia Sentido \(feat. Terra Preta, Deryck Cabrera\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=02.Don.L.Fazia.Sentido.feat.Terra.Preta.Deryck.Cabrera). Acessado em: 21/04/2024.

⁵⁵ *Vide* nota anterior.

⁵⁶ Disponível em: [Rashid feat. Amiri e Don L - Linha De Frente \(Audiograma Oficial\) \[13/15\] \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=Rashid.feat.Amiri.e.Don.L.Linha.De.Frente.Audiograma.Oficial.13.15). Acessado em: 21/04/2024.

⁵⁷ Disponível em: [Don L - Não Escute Meus Raps feat Terra Preta \(Lyric Video\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=Don.L.Nao.Escute.Meus.Raps.feat.Terra.Preta.Lyric.Video). Acessado em: 21/04/2024.

Com isso é possível atestar não só a subjetividade do cosmopolitismo às avessas, mas como Don L é totalmente consciente dele e da repercussão que ele causa. Seja na forma como sua produção é vista pelo cenário nacional e pelo jogo do rap, mas também por aqueles que são seus fãs. O que visamos defender é que esse sentimento é fruto justamente da nordestinidade que moldou a pessoa Gabriel Linhares da Rocha, que é consequência da posição do nordeste perante as outras regiões, especificamente o sul e o sudeste, e daquilo que Durval Muniz de Albuquerque Junior (1999), por exemplo, chamou de invenção do nordeste.

2 – Apontamentos acerca da carreira do Don L: por “outra forma de fazer rap”

YARON:

Como bem disse Marcos anteriormente, Don L teve seu começo de carreira no cenário dos anos 2000 na cidade de Fortaleza, e juntamente com Nego Gallo, Flip Jay, Júnior D e Preto B formaram o grupo Costa a Costa. Foi neste grupo que eles lançaram a Mixtape que mais fez sucesso na cena do rap nacional, a mixtape *Dinheiro, sexos drogas e violência de Costa a Costa*. Novamente, assim como Marcos destacou, esta Mixtape rendeu ao grupo o prêmio de melhor álbum norte e nordeste do rap no ano de 2006 no Festival Hutúz, realizado pela Central Única de Favelas (CUFA), contudo as mídias disponíveis na internet hoje datam a mixtape em 2007, e não há nenhum erro nisso. Como era comum naquela época no cenário do rap, os grupos, ou MC's, gravavam suas produções em CD's e saíam vendendo-o de mão em mão, e não foi diferente com o Costa a Costa. Eles produziram o álbum de forma independente com o selo “Dunego Records” criado pelo grupo e foram para São Paulo tentar assinar com gravadoras, contudo, como Don L relata em uma entrevista para o blog “Bocada Forte”⁵⁸, os contratos oferecidos pagavam um valor abaixo do que eles conseguiram vender de mão em mão até aquele momento, este fato talvez seja uma confirmação da exclusão do rap feito no nordeste no âmbito nacional.

É nesta entrevista para o *Bocada Forte* que podemos ter acesso ao que Don L entende sobre o papel do rap e qual a intenção dele ao fazer sua música naquela época, e um fator que ele sempre ressalta é a diferença do rap feito pelo Costa a Costa e do restante no cenário nacional:

⁵⁸ Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/noticias/memoria-bf-rap-de-costa-a-costa>. Acessado em: 29/04/2024.

BF: Vocês cantam a realidade das ruas das quebradas de Fortaleza e afirmam que vivem o que falam. Tratam do tráfico, da fome, da falta de perspectiva e da lógica do capitalismo. Qual o envolvimento dos integrantes do Costa a Costa com essas questões? Existe alguma saída? Alguma forma de amenizar o sofrimento do gueto?

Don L.: Existe. O Costa a Costa é uma forma. A ideia é falar menos no problema e mais na solução. Todo problema, não importa o quanto filhadaputa ele seja, tem solução, senão não é mais problema. Se você pegar o tempo que você gasta pensando em como sua vida é miserável, como o mundo é escuro, e como você tá pré-destinado a perder, aí você perde mesmo. Pára com isso, chapa! Ninguém nasce pra perder. Isso é o que alguns querem que você acredite, pelo simples fato de que isso torna mais fácil a vitória deles. E aí você chega à seguinte conclusão: 90% do Rap nacional é perda de tempo. Pior que isso: é atraso de vida. Desses 90%, tá todo mundo mentindo e eu provo porque. Vai vendo. (Bocada forte, 2007, grifo nosso)

É com esta noção sobre o rap que o grupo deixou sua marca na história do rap nacional, onde as letras das músicas são mais focadas na superação dos problemas impostos pelo sistema do que de reclamar dos mesmos. É dentro desse cenário que Don L surge.

ALCIDES:

Nitidamente, *RPA 2* representa a superação de todas as ressalvas que ainda impediam a identificação plena de Don L com o comunismo. Se em *Aquela Fé e Verso Livre 2(018)* o artista aparenta ter assimilado o mito do socialista de iPhone, ou seja, ver uma contradição em defender o socialismo e possuir/desejar bens materiais, no novo álbum assistimos à defesa aberta de nomes controversos como Che Guevara, Mao Zedong e Kim Jong-Un. A verdade é que era bastante comum o discurso no rap de que é preciso “se manter real”, ou seja, fazer a arte pela arte, sem se importar com os ganhos materiais. Por isso, Don L vivia esse tipo de contradição de maneira tão intensa.

Mas ele afirma, em entrevista ao podcast *Revolushow*⁵⁹, que com a ajuda de educadores populares que ocuparam as redes sociais, como Jones Manoel⁶⁰, Sabrina Fernandes⁶¹ e Chavoso da USP⁶², conseguiu entender que não havia contradição nenhuma em usufruir do fruto do seu trabalho, pois na verdade o tipo de propriedade que o comunismo condena é a propriedade privada dos meios de produção, aqueles que visam a exploração, e não a propriedade individual. Por conta da superação desse paradigma, Don L passa a reverenciar a luta do movimento comunista, enxergando mais pontos positivos do que negativos em processos como a revolução

⁵⁹ Disponível em: <https://revolushow.com/135-eu-sou-don-l/>. Acessado em: 08/05/2024.

⁶⁰ Para mais informações, conferir o canal no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@JonesManoel>. Acessado em: 08/05/2024.

⁶¹ Para mais informações, conferir o canal no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TeseOnze>. Acessado em: 08/05/2024.

⁶² Para mais informações, conferir o canal no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@ChavosodaUSP>.

russa, cubana, chinesa, vietnamita e até mesmo coreana. Portanto, um dos elementos mais importantes do *RPA 2* (2021) é a superação da autofobia na esquerda socialista⁶³, essa ideia de que, apesar de simpatizar com Marx, a pessoa tem que condenar tudo que já foi feito em nome do socialismo.

Contra essa autofobia e contra uma certa mesmice na qual o rap se encontra atualmente, Don L decide se aventurar numa produção que propõe uma experiência estética nova. Uma pequena polêmica recente elucidou o que está em questão: um dos apresentadores do PodPah, o Igã, dia desses lançou a prévia de uma música sua, na qual o tema era basicamente celebrar o fato de que ele saiu da pobreza para a riqueza. No seu twitter⁶⁴, Don L falou o seguinte: “eu acho muita pobreza criativa só existir rap de mensagem ou rap ostentação num país onde [com] 5 mil reais por mês você tá entre os 5% que ganham mais. O trap e o rap tinha que aprender com o samba, sem precisar fazer literalmente samba também. Falar da vida real sem precisar ‘mensagem’”.

Por problemas como esse, Don L viu a necessidade de criar algo novo, pois desde sempre ele fez as músicas que precisava ouvir para se motivar a buscar os seus sonhos. *RPA 2* busca, portanto, driblar um certo realismo capitalista, essa crença enraizada de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Esse conceito é trabalhado por Mark Fisher, um autor que Don L tem como referência. No primeiro capítulo do seu *Realismo Capitalista* (2009), Fisher fala sobre como o capitalismo conseguiu se estabelecer instaurando o sentimento de que ele é o único sistema político econômico viável, de modo que o futuro parece nos guardar apenas repetição e recombinação, inclusive no âmbito cultural: ainda virão grandes choques de novidade? (FISHER, 2009, p. 6)

Nesse sentido, o capitalismo se apresenta como uma espécie de escudo que nos protege do terror e do totalitarismo, porque, afinal, sonhar é perigoso demais, é melhor ser realista. Então, apesar de vivermos num estado de coisas brutal que avalia tudo sob a ótica do dinheiro, esse sistema é melhor do que todos os outros que já existiram. Assim, vivemos como

⁶³ Entendemos que Don L se apropria do debate estabelecido por Jones Manoel acerca da autofobia na esquerda socialista, sobretudo nos moldes em que a discussão aparece no texto *Autocrítica ou anticomunismo? Aportes teóricos para compreender a autofobia na esquerda brasileira* (2019). Disponível em: <https://revistaopera.operamundi.uol.com.br/2019/03/20/autocritica-ou-anticomunismo-aportes-teoricos-para-compreender-a-autofobia-na-esquerda-brasileira/>. Acessado em: 08/05/2024.

⁶⁴ Disponível em: <https://twitter.com/donl>. Acessado em: 08/05/2024.

consumidores-espectadores, cambaleando entre ruínas e relíquias, até acabar o mundo. E é essa ideia que Don L rejeita e que o faz propor a necessidade de se pensar o novo, não é Marcos?

MARCOS:

Exatamente, Alcides. Essa necessidade se manifesta pela temática comunista, que ganha força total com *RPA 2*, mas por vários outros elementos, desse mesmo álbum e outros. Ainda do *RPA 2*, temas como tráfico, roubo, estilo e armas são reinterpretados e tomam uma conotação revolucionária, de resposta às injustiças que perduram por séculos de um sistema socioeconômico que reduz pessoas a meras engrenagens de um relógio que funciona em prol das classes mais privilegiadas. Em “pela boca” temos: “Pra quem me rotula de traficante, não sabe que o nome da 9 é Célia Sanchez. O corre é a nova guerra santa” (DON L, 2021)⁶⁵. Com “9” Don L se refere a uma arma nove milímetros e a dá o nome de uma revolucionária, da mesma forma que logo depois chama uma Kalashnikov (AK) de Frida Kahlo. Por sua vez, a atribuição de traficante, e outras, só pode ser feita por quem está no topo da cadeia de opressão, como fica evidente pelos seguintes versos: “trataram como nova facção (não), tá mais pra uma nova Farc (jão). É que os alemão são os que controlam o Estado, banqueiros e bilionários [...]” (DON L, 2021). São os “alemão” que veem esse agrupamento como uma facção, da mesma forma que vêm Don L, ao menos enquanto eu-lírico, como um traficante.

Isto se repete, e de forma mais clara, em “élewood”: “pra essa burguesia paulista, eu sou bandido, ela é puta. E eles têm ódio porque não chupa [...]” (DON L, 2021)⁶⁶. Em “primavera” temos a icônica: “meu swag e meu estilo eles não vão ter” (DON L, 2021)⁶⁷. E em “a todo vapor”: “quando eu pedi pra alguém levantar a mão, a minha tinha uma arma, e mesmo assim, era só pra me levantar [...]” (DON L, 2021)⁶⁸. Todas essas reinterpretações parecem sintetizadas em “pânico de nada”. Nela o roubo é o de uma Ferrari, a guerra santa é uma guerrilha urbana, o estilo é exaltado pelas joias no pulso, vindas de uma joalheria também roubada, e as armas também são nomeadas por heróis revolucionários: “Guerrilha urbana, Guerra santa [...] nenhum

⁶⁵ Disponível em: [07. Don L - pela boca \(part. Fabriccio\) - Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁶⁶ Disponível em: [15. Don L - élewood \(part. Luiza de Alexandre\) - Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁶⁷ Disponível em: [06. Don L - primavera part. Rael e Giovani Cidreira - Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁶⁸ Disponível em: [03. Don L - a todo vapor - Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

carro na concessionária. Os vidros quebrados na entrada [...] as joias da joalheria no pulso [...] AK do Guevara ao meu alcance. A dela é Sankara⁶⁹ [...]” (DON L, 2021)⁷⁰.

Todos esses aspectos são exaltados de maneira um tanto quanto simplória por diversas letras de rap e funk. Com Don L, contudo, como já afirmado, eles são exaltados através de um viés revolucionário, como resposta à lógica do capital, e que engloba diversos outros aspectos. É através desse viés que Don L se permite repensar outro desses aspectos, reproduzido à exaustão no funk, que é a vitória da favela. É comum funkeiros e rappers cantarem que “a favela venceu” pelo fato de eles particularmente terem enriquecido por conta do trabalho artístico. Igualmente comum têm sido as afirmações do quão vazia é a frase tendo em vista esse significado. Com Don L, contudo, também essa frase ganha uma conotação revolucionária. Em “volta da vitória” temos: “Lutar do lado errado é já perder a guerra. Do lado certo a gente vence mesmo quando perde, e quando vence, vence duas vez [...]” (DON L, 2021)⁷¹. Não é por coincidência que a música seguinte se intitule “favela venceu” e se preocupe em nada mais que apresentar um catálogo de qualidades e vivências contrárias às daqueles que podem ser considerados os donos do estado. Assim, a favela venceu não por um favelado ter vencido, mas meramente por existir, ou resistir.

Com isso nós podemos perceber melhor a extensão de seu cosmopolitismo avesso e de como ele é fruto da própria nordestinidade do Don L. Como dito em entrevistas, o Don L não consegue se sentir confortável em nenhum lugar, entendido não apenas como um espaço geográfico, mas também como categorias temáticas. Então se, por um lado, suas letras exaltam aspectos trazidos em letras de funk e rap menos políticos, dá-se a elas uma conotação tão politizada que passam a valorizar esses mesmos aspectos. Essa falta de conforto, de adequação, ou de identidade, reflete a concepção plural da nordestinidade.

Aqui é preciso citar “Eu não te amo”: “e eu deixei o Nordeste há dois anos com uma sede de secar a Sabesp, sem chapéu de palha, nada clichê e velho. Eu vim pra tomar o jogo, não pra ser um boneco exótico e forjar um sotaque meio robótico [...]” (DON L, 2017)⁷². Com isso, o rap “nordestino”, que em 2006 ganhou um prêmio, revela muito pouca nordestinidade. Todos os aspectos tradicionais que saltam à mente quando se fala de nordeste ou do nordestino não se

⁶⁹ Thomas Sankara.

⁷⁰ Disponível em: [04. Don L - pânico de nada - Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁷¹ Disponível em: [08. Don L - volta da vitória/citação: us mano e as mina \(xis\) - Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2 \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

⁷² Disponível em: [01. Don L - Eu Não Te Amo \(feat. Diomedes Chinaski\) \(youtube.com\)](#). Acessado em: 21/04/2024.

encontram performados na figura do Don L. E aqui ele está se contrapondo diretamente a artistas como Rapadura. Essa repulsa pelo tradicional reafirma o seu cosmopolitismo avesso. Então Don L, de certa forma, é o nordestino que não é, mas ao mesmo tempo revela, contraditoriamente, outra faceta do Nordeste e do homem nordestino.

Em “Nordeste: imagem real ou fabricada?” (2018) Flávio José Rocha da Silva nos relata que a construção imagética e discursiva da região se inicia a partir da derrocada político-econômica da elite agrária nordestina perante a elite cafeeira do Sul e Sudeste:

Esta derrocada econômica vai ajudar a forjar uma imagem do NE [Nordeste] que perdura até os dias atuais, basicamente em favor dos interesses dos latifundiários da região e de grupos econômicos e políticos nordestinos [...] que se viam desprestigiados pelo império em detrimento dos cafeicultores do Sul e dariam início ao discurso de uma região vítima de discriminação por parte dos detentores do poder no país. (SILVA, 2018, p. 9)

É emblemático que o Nordeste só passe a existir como uma região diferenciada do Norte a partir da criação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas. É esse Nordeste das secas, do cangaço, do messianismo, do folclore, das singelas manifestações culturais, das cidades pequenas e pouco desenvolvidas que passa a ser retratado e que encontra em teatrólogos, escritores, cineastas, jornalistas e músicos, nordestinos ou não, ampla aceitação até os dias de hoje: “Mas é que eu venho lá do sertão, o coco é seco demais, irmão. E o preconceito eu só engulo com farinha [...]”. (JULIETTE, 2021)⁷³.

A esta visão, que tem um aspecto saudosista, de um passado glorioso das elites nordestinas, se contrapõe uma outra, que não buscava refúgio no passado, mas na superação do presente. Nas palavras de Durval Muniz:

A década de trinta marca também a “descoberta” de outro Nordeste. Um Nordeste que olhava sem saudade para a casa-grande, que sentia o mesmo desconforto com o presente, mas que também virava as costas para o passado, para olhar em direção ao futuro [...]. Um espaço não mais preocupado com a memória, mas com o “fazer história”. Um espaço conflituoso, atravessado pelas lutas sociais [...]. Um espaço em busca de uma nova identidade cultural e política, cuja essência só uma “estética revolucionária” seria capaz de expressar [...]. (ALBUQUERQUE, 1999, pp.207-208)

Em Don L, contudo, esse espaço de revolta não parte da vivência mais tradicional e estereotipada do nordestino e alcança nível global, reconhecendo que o problema não é o Nordeste em si, mas a lógica de mercado que inicia a sua fundação e que permeia o mundo artístico e, em específico, do rap. E por isso a recusa que ouvimos em “Eu não te amo” é antecipada por uma tomada de posição revolucionária: “Eu vim pra mudar o jogo” (DON L,

⁷³ Disponível em: [Juliette - Bença \(Live Sessions\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=JULIETTE). Acessado em: 21/04/2024.

2017). E que é reafirmada e desenvolvida em “élewood”: “Eu não vim só mudar o jogo, vim saquear a cidade toda, cobrar a parte do meu povo”.⁷⁴ (DON L, 2021).

Com isso dito, finalmente entendemos, então, de onde surge toda a revolta que o Don L manifesta desde sua entrevista ao Bocada Forte⁷⁵. Aqui entendemos todo seu cosmopolitismo avesso que não o permite se sentir confortável, aqui entendemos a música que produz e porque encontra na revolução um certo acalento. Sendo homem nordestino, com vivências nordestinas (e vivências nordestinas nem um pouco distantes do período de construção do Nordeste e do homem nordestino) a única posição diante do mundo que Don L pode manifestar é a pulsão pela superação do presente. Don L é um cosmopolita avesso e revolucionário porque enquanto nordestino, o único mundo confortável no qual se encaixa é o futuro pós-revolução.

3 - Trilha para uma nova trilha

ALCIDES:

Então, Don L entende que essa “trilha pra uma nova trilha” não vai se apresentar espontaneamente, motivo pelo qual ele defende abertamente o processo revolucionário. Don L chega a afirmar em entrevistas⁷⁶ que, apesar de considerar a opinião de figuras como Elias Jabbour⁷⁷, um professor da UERJ que acredita que a influência chinesa pode proporcionar uma guinada socialista no mundo, a sua opinião é que, principalmente no Brasil, não há saída sem uma ruptura muito grande, tendo em vista todo o nosso histórico de golpes que visam manter o poder da burguesia. Então, sempre é possível assistir posicionamentos do Don L contra posturas reformistas de esquerda: Haddad, Boric, Freixo são frequentemente criticados por ele.

Há, portanto, uma certa coerência, uma unidade na trajetória do Don L. No fundo, ele nunca abriu mão daquela visão do Estado que ele apresenta em *Aquela Fé*. (DON L, 2018)⁷⁸. Essa música apresenta a essência do que é a análise materialista do Estado, se lembrarmos Engels, Marx, Lenin e tantos outros que entendem que o Estado é um aparelho de dominação de uma classe sobre outra. A tese é a seguinte: o Estado *conforma* o domínio da classe

⁷⁴ Não o nordestino em específico.

⁷⁵ Disponível em: [ACERVO BF | Entrevista com Plano B e Brigada Sonora de Rua \(De Costa a Costa\) | Bocada Forte - Desde 1999](#). Acessado em 08/05/2024.

⁷⁶ Para mais informações, consultar: <https://www.youtube.com/watch?v=Ce3dE2pC3Cs>. Acessado em 08/05/2024.

⁷⁷ Para mais informações, consultar: <https://www.escavador.com/sobre/3255371/elias-marco-khalil-jabbour>. Acessado em 08/05/2024.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZYKJZBGIqnM>. Acessado em: 08/05/2024.

dominante, a burguesia, sobre a classe trabalhadora, justamente porque o Estado é o garantidor da reprodução do sistema capitalista. Esse tipo de visão já havia sido apresentada a ele desde o início da sua trajetória, na qual o grupo de rap *Clã Nordestino* se mostrava uma grande influência. O álbum *Peste Negra* (2003)⁷⁹, por exemplo, fala abertamente da necessidade da revolução socialista. Fica claro, então, a relação intrínseca que existe entre marxismo e Nordeste, sobretudo no rap, né Marcos?

MARCOS:

Com toda certeza. Não é algo restrito ao Don L, justamente por ele ser nordestino. Como você mesmo disse, Alcides, o Clã Nordestino é uma grande influência pro Don L e um dos mais relevantes grupos de rap do Brasil. Lamartine Silva, antigo integrante do grupo, foi um dos encarregados da seção Nordeste da construção do hip-hop nacional, por exemplo. Não é coincidência, portanto, que grandes ícones do rap feito no Nordeste tenham essa veia revolucionária.

Toda a produção do Clã Nordestino demonstra isso, mas uma das músicas que deixa evidente esse aspecto é “Todo ódio”: “Dos pretos, pelos pretos, para os pretos, com os pretos, todo ódio à burguesia. Orgulho de ser da periferia. Dos pobres, pelos pobres, para os pobres, com os pobres. Todo ódio à burguesia.” (CLÃ NORDESTINO, 2003)⁸⁰. Sobre o Clã, é preciso ressaltar que alguns dos seus integrantes originais posteriormente fundaram o grupo Gíria Vermelha, que traz consigo a mesma pulsão. Em “Pode me sangrar” temos o seguinte:

Pode me prender, pode me sangrar, pode mandar lá o B.O.P.E. pra me matar, pode me pregar na cruz, me trucidar, dispor cada pedaço do meu corpo nas praças. Eu sou mais do que tu pensa, sou mais que tua crença, sou o espectro que ronda as mansões, fazendas. Sou o fim do preconceito, sou o gueto em ascensão, a morte do capital, velório da escravidão. (GÍRIA VERMELHA)⁸¹

A mixtape lançada pelo Movimento Cultura de Rua do Ceará também é um forte exemplo, pois conta com uma série de grupos daquele estado abarcados, de certa forma, por essa temática. O próprio título do projeto parece indiciar isso, *Favela por Conta Própria*, mas logo de cara temos essa confirmação, na faixa “Seu medo sou eu”: “Enquanto a burguesia enche o cofre, os malucos no gueto de fome sofre [...] o capitalismo taí, pronto pra matar, pronto pra te destruir, não se engane. O alvo é você. A união é a única solução, podecrê.” (COMANDO

⁷⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XT3pwqoiYsk>. Acessado em: 08/05/2024.

⁸⁰ Disponível em: [Todo Ódio \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=XT3pwqoiYsk). Acessado em: 21/04/2024.

⁸¹ Disponível em: [GÍRIA VERMELHA - PODE ME SANGRAR \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=XT3pwqoiYsk). Acessado em: 21/04/2024.

DA VERDADE, 2002)⁸². Um dos artistas que participam dessa mixtape é justamente o Nego Gallo, com seu antigo grupo Brigada Sonora de Rua e, inclusive, diversas das temáticas trazidas por Don L em *RPA 2* são antecipadas por esta mixtape, desde a exaltação dos povos originários, até a noção de que estar do lado certo já é vencer. Nas palavras do Nego Gallo, na faixa “Rap Ativista” temos: “Eu tô do lado, único lado que vale a pena estar [...]” (BRIGADA SONORA DE RUA 2002).

Também na produção dos nomes contemporâneos do rap feito no Nordeste é possível perceber esse teor revolucionário, seja de forma clara ou mais sutil. Entre eles podemos citar Diomedes Chinaski, que tem um álbum intitulado *Comunista Rico*, e na música homônima parece expressar a mesma autofobia sobre a qual Alcides havia falado mais cedo: “Livros de Marx e cordões de ouro. Comunista rico.” (DIOMEDES CHINASKI, 2018)⁸³.

Na Bahia, apesar de o nome de Baco poder ser citado, a relação que ele tem com esse aspecto se dá de forma indireta, à medida em que seu trabalho é uma exaltação do povo preto e sua cultura. Na música “Capitães de areia”, por exemplo, encontramos referências gloriosas a Pedro Bala, Lampião, Macunaíma e à cultura popular. E mais especificamente: “Vi os prédios subindo, a mata acabando, aproveitei e arranhei o céu. Vi minha raça sumindo, vocês nos matando, aproveitei e levei todos pro céu [...]. Onde cidadãos de bem queimam terreiros, espancam mulheres e odeiam os pretos, odeiam o gueto, matam por dinheiro. Eu sou o caos, eu sou vilão.” (BACO EXU DO BLUES, 2017)⁸⁴. Nessa faixa ainda cabe ressaltar que Baco usa um sample de “Sleep now in the fire” da banda reconhecidamente comunista Rage Against the Machine.

E, aproveitando a presença de Mano Sinho na mesa, falemos do rap de Sergipe. Para ficar em um exemplo apenas, o Alquimia Solar é um dos melhores grupos de rap que já existiu por aqui e na música “Alktraz”, que conta com participação de Beirando Teto (grupo da Bahia com forte relação com Baco e o antigo grupo do qual ele fazia parte, o DDH), temos algumas manifestações do inconformismo com o presente capitalista: “avanços tecnológicos, itens supérfluos, de câncer a capricórnio ecoa a dor [...]. Quem se importa acorda, faça boa obra.

⁸² Disponível em: [Favela Por Conta Própria - Movimento Cultura de Rua \(Ceará 2002\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acessado em: 21/04/2024.

⁸³ Disponível em: [Diomedes Chinaski - Comunista Rico \(Videoclipe Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acessado em: 21/04/2024.

⁸⁴ Disponível em: [17 Baco Exu do Blues - Capitães de Areia \(Faixa 06\) - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acessado em: 21/04/2024.

Liberdade consumista, escravidão, massa de manobra [...]. Todo mundo na merda e os ricos com medo, smartphones são muitos, bom dias são poucos [...]”. (ALQUIMIA SOLAR, 2015)⁸⁵.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do nordeste*. São Paulo: Cortez, 1999. (4ª ed. 2009)

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

Don L. DonL: depoimento [jul. 2022]. Entrevistadores: Igão e Mítico. Podpah. Disponível em: [DON L - Podpah #448 \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=448). Acessado em: 21/04/2024.

FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MANOEL, Jones. “Autocrítica ou anticomunismo? Aportes teóricos para compreender a autofobia na esquerda brasileira”. *Revista Opera*. Março, 2019.

PEREIRA, Marcos R. S. “O cosmopolitismo às avessas do Don L”. Mar. 2023. Disponível em: [O Cosmopolitismo às avessas do Don L - Artigo - Oganpazan](#). Acessado em: 21/04/2024.

Plano B; Brigada Sonora de Rua. Entrevista com Plano B e Brigada Sonora de Rua (De Costa a Costa). Entrevista concedida a Bocada Forte. *Bocada Forte*. Setembro, 2004.

SILVA, Flávio J.R. “Nordeste: imagem real ou fabricada?” *Revista de Ciências Sociais*. V. 49, n. 2, jul./out. 2018, pp. 575-600.

⁸⁵ Disponível em: [Alquimia Solar part. Beirando Teto - Alktraz \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=448). Acessado em: 21/04/2024.